

As Indústrias Líticas e Cerâmicas no Estado de Minas Gerais: dificuldades de interpretação.

ANDRÉ PROUS

Responsável pelo Setor de Arqueologia UFMG e pela Missão Arqueológica Franco-Brasileira de Minas Gerais, bolsista do CNPq.

As escavações realizadas pelo IAB e a UFMG permitiram ampliar e melhorar o quadro arqueológico do Estado, antes limitado à área de Lagoa Santa. Permanecem no entanto muitas incógnitas. Pretendemos aqui mostrar mais as dificuldades de interpretação que os resultados já obtidos, os quais foram expostos em outras publicações. Apresentamos em outro trabalho (André Prous, no prelo) os mais antigos vestígios do Homem no Estado de Minas Gerais.

Na presente revisão dos obstáculos enfrentados indicaremos apenas a existência da mesma dificuldade mencionada há pouco por N. Guidon no Piauí e W. Hurt em Itaboraí: a dificuldade para distinguir artefatos verdadeiros da pseudo-indústria. O problema existe por exemplo nos níveis pleistocênicos (antes de 11.000 BP) do Boquete, onde lascas e blocos de sílex se encontram totalmente descorticados, apresentando ora lascamentos secundários ora cor avermelhada e depressões atribuíveis ao fogo. Diante destes achados relativamente "sofisticados", parece difícil ter dúvidas. No entanto, encontramos no leito do rio Peruaçu uma grande quantidade de lascas de sílex "retocadas" e queimadas, enquanto nas brechas que preenchem as fendas de dissolução da Lapa de Rezar, aparecem pseudo núcleos bifaciais, que não podem em absoluto resultar de uma ação humana. Os critérios para identificar o trabalho humano depende, pois, das forças naturais atuantes em cada região. Enquanto os vestígios do homem pleistocênico são ainda raros, e por vezes controvertidos, as culturas holocênicas são bem representadas nas escavações realizadas tanto pelas Missões estrangeiras quanto pelo IAB e o Setor de Arqueologia da UFMG.

a) Será provavelmente possível algum dia definir um conjunto de indústrias antigas (início do holoceno, entre 11000 e 9000 BP) caracterizado pela utilização freqüente do retoque unifacial em lascas relativamente espessas, formando raspadores terminais, laterais e côncavos, assim como peças alongadas plano-convexas

com retoque (quase) periférico por vezes chamada "lesmas", mas cuja função parece ter sido diferente. Esta indústria corresponde provavelmente à fase Paranaíba definida por Schmitz e outros no estado de Goiás. Em Minas, aparece em vários abrigos da região de Januária-Montalvânia (com instrumentos de sílex) e na Serra do Cipó, 450 Km mais ao sul; nesta última região, as peças plano-convexas são feitas a partir de plaquetas de quartzito, o que lhe dá um aspecto bem diferente à primeira vista. No entanto, o ângulo de abertura dos gumes e o tipo de retoques nos leva a acreditar que se trate de uma mesma "onda" cultural. Por outro lado, esta indústria de quartzito retocado, encontrada no abrigo de Santana do Riacho fora da área de sepultamentos contemporânea, co-existe com uma indústria de cristal de quartzo sobre lascas pequenas (em razão das limitações da matéria prima), de aspecto muito distinto, e parecida com o material da região vizinha da Lagoa Santa embora faltem as pontas bifaciais encontradas por W. Hurt no seu "complexo Cerca Grande".

Parece portanto muito importante, na hora de se comparar as indústrias coletadas em escavações, levar-se em conta as peculiaridades da matéria prima utilizada, que pode levar uma mesma população a fabricar objetos funcionalmente equivalentes, apesar de distintos morfologicamente.

- b) As indústrias líticas "arcaicas" posteriores costumam ser caracterizadas pela quase total ausência de retoque nas peças, sendo que as lascas, geralmente pequenas, (de sílex no norte, de quartzo no centro do estado), foram utilizadas brutas. Este "desaparecimento" da técnica do retoque durante o holoceno médio e superior foi também notado nos abrigos de Goiás estudados por Schmitz e outros, durante sua fase Serranópolis, e nas escavações de O. Dias em Unai (MG). No entanto, parece ter havido alguns componentes arqueológicos com material retocado em sítios isolados; é o caso na Lapa Pequena escavada por A. Bryan, e também da Lapa do Dragão (Montalvânia) onde um nível datado de 5000 BP apresenta uma indústria original sobre arenito metamorfozido, com lascas grandes e espessas mostrando retoque unifacial e por vezes alterno.
- c) Níveis recentes, tanto no centro de Minas Gerais (Santana do Riacho: no precerâmico final; Abrigos de Januária: já no período ceramista) mostram de novo peças retocadas e até núcleos organi-

zados. Vemos, portanto, que a evolução geral no estado foi bastante complexa, e tem certamente variantes regionais apesar de haver algumas grandes tendências comuns:

d) Novidades tecnológicas como o retoque bifacial para pontas de projétil e o polimento para machados, aparecem muito cedo no centro do estado (Lagoa Santa, Serra do Cipó) mas são ausentes da seqüência arqueológica nos abrigos do Norte do estado; no entanto, seria imprudente, nesta fase inicial dos trabalhos na última região, deduzir da ausência das peças nas coleções um desconhecimento da técnica. Com efeito, as rochas básicas, normalmente utilizadas para fabricar machados, não existem entre Januária e Montalvânia. Objetos "importados" feitos com essas matérias raras podem ter sido utilizados, porém não descartados nos sítios. Enfim, devemos frisar que existem sítios pré-cerâmicos a céu aberto, quase desconhecidos pelos arqueólogos, e que mostram evidências originais.

Tratar-se-iam dos vestígios de culturas distintas das dos abrigos, ou de sítios apenas funcionalmente diferentes?

e) A situação é também bastante confusa quando se estudam as culturas ceramistas. Ao que parece, houve três grandes grupos:

- Os ceramistas das grutas e abrigos, que talvez possam ser provisoriamente reunidas na tradição "Una" de O. Dias, que fabricaram recipientes pequenos, finos, compactos e resistentes, acompanhados no norte do estado por abundante indústria lítica lascada. De fato, apresentam uma grande variação de uma região para outra.

- Os ceramistas da Tradição Sapucaí de O. Dias, com grandes sítios a céu aberto, de longa ocupação eventualmente aldeias circulares com praça central e numerosas cabanas ovais periféricas (Ibiã); A Indústria lítica lascada é quase ausente (poucas lascas brutas de quartzito); A polida é caracterizada por machados triangulares (incluindo os famosos semilunares), e mãos de pilão. Sua cerâmica levanta vários problemas, ainda não resolvidos; de uma maneira geral, existem grandes urnas (eventualmente funerárias) não decoradas, ou com superfície tornada rugosa pela projeção de quartzo moído (Ibiã e fase Ibiraci, no oeste do estado) que co-existem com potes pequenos de paredes finas, bem acabadas, que podem receber um engobo vermelho (centro do estado) ou uma brunhídura (Ibiã).

Infelizmente, algumas destas formas parecem mui-

to com as descritas por O. Dias para a Tradição Una. São, por exemplo, vasos em forma de cuia, por vezes duplos. Formas semelhantes aparecem na fase Mossâmedes de Goiãs, e ocorrências parecidas se verificam também na Tradição "Pedra do Caboclo" do Nordeste, enquanto a rugosidade das superfícies têm um paralelo na Tradição Papeba.

Um encontro entre os pesquisadores do Brasil central e nordestino faz-se necessária para uma comparação visual do material cerâmico, com o fim de esclarecer as relações entre as numerosas "Tradições" criadas nos últimos anos.

f) A Tradição Tupiguarani aparece no estado com pouca densidade, e por vezes de forma intrusiva ou pouco típica.

No centro mineiro, cacos isolados são encontrados no meio de cerâmica do Tipo Sapucaí, enquanto que, no norte do estado, são misturadas com cacos de tipo "Una", ou conseguem ser bastante numerosos em abrigos, locais normalmente evitados por esta tradição em outras parte do Brasil.

A partir de nossas coletas de material, nos perguntamos, se a fase Cochã determinada perto de Montalvânia pelo IAB, seria tipicamente Tupiguarani, ou de aculturação.

Temos notícias em outras partes do estado, de grandes sítios Tupiguaranis em regiões de florestas, ao longo de rios navegáveis, portanto no ambiente tradicional da tradição. No entanto, não nos parece que tenham diso pesquisados por profissionais.

Vemos, portanto que a multiplicação das pesquisas no estado a partir de 1970 mostrou que as culturas pré-históricas que aqui se desenvolveram, apresentam muitas semelhanças com as de Goiãs e do Nordeste. No entanto, estamos longe de entender a complexidade dos fatos, mascarada pelo quadro geral aparentemente simples elaborado pelos pesquisadores nos últimos anos.

BIBLIOGRAFIA

O leitor interessado encontrará uma bibliografia completa sobre arqueologia mineira nos Arquivos do Museu de História Natural, UFMG, Belo Horizonte, 4/5: 199, a qual acrescentamos o trabalho seguinte, ainda no prelo:

Prous, A. Junqueira, P. & Malta, I.

"Arqueologia do Alto Médio São Francisco", a ser publicado na Revista Brasileira de Arqueologia, Belém, nº2 (30 p, datilografadas).

Pross, A. Jundueira, P. & Motta, J.
Arqueologia de Alto Médio São Francisco: a ser publicada na
Revista Brasileira de Arqueologia, Brasília, vol. 30 p. 2010 (págs-
2010).